

A PRESENÇA DE REFUGIADOS ESPANHÓIS NAS CALDAS DA RAINHA DURANTE E APÓS A GUERRA CIVIL DE ESPANHA (1936-1950)

Carolina Henriques Pereira¹

Doutoranda em História Contemporânea

BREVES CONSIDERAÇÕES

A cidade portuguesa de Caldas da Rainha – localidade pertencente ao distrito de Leiria e, em simultâneo, à sub-região oeste e à região centro do país - possui uma longa tradição no que concerne à receção de estrangeiros. Ainda que o tipo de acolhimento se tenha diferenciado consoante as épocas e as circunstâncias, o que é facto é que a população desta localidade se habituou a lidar com esta realidade. Numa primeira fase, com a vinda de emigrados Bóeres, em 1901, na sequência da Guerra Anglo-Boer (1899-1902), que opunha o Império Britânico às nações Bóeres - República de Transvaal (República Sul Africana) e o Estado Livre de Orange – pelo domínio da África do Sul²; num segundo momento, sobretudo a partir da década de 1920, com a chegada de inúmeros espanhóis em busca de melhores condições de vida e, na década seguinte, em fuga da repressão franquista e da Guerra Civil Espanhola (1936-1939)³; e, a partir da década de 1940, com a presença de refugiados judeus e não-judeus em fuga de Hitler e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)⁴. Nes-

(1) Doutoranda em História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC-CHSC) e Bolseira de Investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência SFRH/BD/143217/2019). carolinahenriques94@gmail.com.

(2) Para mais informações ver, entre outros, a obra em africânes de FERREIRA, Ockert J. – *Viva os boers!: boeregeïnterneerdes in Portugal tydens die AngloBoereoorlog, 1899-1902*. Pretoria, 1994 e OLIVEIRA, Fleming de – *No tempo dos Bóeres em Portugal. Caldas da Rainha, Alcobaça, Peniche, Tomar, Abrantes e S. Julião da Barra*. Leiria: Hora de Ler, 2019, p. 29-54.

(3) Para mais informações veja-se, entre outros, CAMPOS, José Torres – *Memória do Portugal no meu tempo (1932-2010)*. Lisboa: Companhia das Cores, 2011 e SIMÕES, Dulce – *A guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

(4) Para um maior aprofundamento veja-se PEREIRA, Carolina Henriques – *Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

te artigo pretende-se analisar, todavia, a presença de refugiados espanhóis nas Caldas da Rainha entre 1936 e 1950 e contabilizar a sua presença, tendo por base documentação de estrangeiros existente no Arquivo Distrital de Leiria (sobretudo, no Fundo do Governo Civil) e no Arquivo da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Consultou-se, de igual modo, o Registo Geral de Presos da PVDE (Arquivo Nacional da Torre do Tombo) para um caso específico.

CALDAS DA RAINHA: DE ESTÂNCIA TERMAL E BALNEAR A «RESIDÊNCIA FIXA»

A cidade de Caldas da Rainha está intrinsecamente ligada à história do termalismo português, desde logo, pela fundação do Hospital Termal nos finais do século XV, por iniciativa da Rainha D. Leonor. Mais tarde, a aposta no turismo viria a revelar-se essencial para o desenvolvimento desta localidade. Como afirma Ricardo Hipólito «o termalismo foi o fundamento do desenvolvimento da localidade e, mais tarde, como lugar de turismo, norteando o desenvolvimento local em seu redor e em sua função»⁵. O facto de nas Caldas da Rainha existirem já desde o século XIX infraestruturas de hospedagem e de lazer permitiu a esta região um desenvolvimento termal e balnear apreciáveis, todavia, o turismo caldense viria a sofrer um declínio considerável na sequência das principais guerras do século XX - Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Guerra Civil de Espanha (1936-1939), que interessa particularmente para este trabalho, e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – para além, de acontecimentos nacionais e internacionais, que alteraram significativamente o país a nível político, social e económico⁶, que não interessam aqui desenvolver.

A atividade turística em Portugal, a partir 1933 e nos anos seguintes, era vista pelo Estado e pelos seus governantes como uma mais-valia socioeconómica e, por isso, é comum encontrarem-se inúmeras referências à presença de turistas estrangeiros em território português na imprensa periódica da época

(5) HIPÓLITO, Ricardo – *O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875-1936)*. Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, especialidade em Cidades e Património. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2014, p. 20.

(6) Veja-se HIPÓLITO, Ricardo, ob. cit., p. 19.

e nos instrumentos de propaganda do regime⁷. Todavia, nem todos os estrangeiros eram bem-vindos. Regra geral, o «estrangeiro» era visto como uma ameaça à continuação política do regime e, por isso, devia ser-lhes interdita a entrada no país. Ao longo da década de 1930, sobretudo a partir de 1936 com o início da Guerra Civil de Espanha, o governo português sentiu necessidade de travar e de impedir a presença destes «indesejáveis» no território nacional⁸. Desta forma, o aumento do fluxo de refugiados espanhóis na fronteira luso-espanhola leva o Estado Novo a endurecer as suas políticas de imigração. Os estrangeiros eram enviados para localidades termais e balneares, sobretudo na zona Centro e na faixa litoral do país, e aí deviam permanecer até ordens em contrário. As «residências fixas» tornaram-se assim em verdadeiros microcosmos onde expressões como «férias forçadas», «turismo acidental» e «turismo forçado» determinaram, por um lado, uma hospitalidade temporária, mas traduziram, na prática, uma vigilância constante e repressiva.

O mesmo aconteceria mais tarde, na década de 1940, com a presença de refugiados judeus e não-judeus em fuga de Hitler, da Guerra, da Europa ocupada e, a determinado momento, do Holocausto. Importa não esquecer que os refugiados trouxeram consigo novos hábitos e padrões comportamentais que alteraram de forma significativa a mentalidade conservadora e tradicionalista dos portugueses desta época⁹, permitindo uma ligeira abertura ao exterior, o que ameaçava, de facto, a política isolacionista do regime português e, em último caso, a sua própria sobrevivência.

A partir de 1940, com a chegada às Caldas da Rainha dos primeiros refugiados fugidos do horror hitleriano e da Guerra, os espanhóis passam a conviver com pessoas das mais variadas nacionalidades. Quer num caso, quer no outro, os refugiados eram proibidos de trabalhar e sobreviviam com o auxílio de organizações internacionais. No caso dos refugiados espanhóis a ajuda vin-

(7) CADAVEZ, Maria Cândida Pacheco – A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940. Tese de doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura, especialidade de Ciências da Cultura. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 162-167.

(8) CHALANTE, Susana - CHALANTE, Susana – O discurso do Estado Salazarista perante o “indesejável” (1933-1939). *Análise Social*. Vol. XLVI (2011), p. 52

(9) PEREIRA, Carolina Henriques – Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1939-1945). *Cadernos de estudos leirienses*. Nº8 (2016), p. 327.

ha, sobretudo, do Unitarian Service Committee (USC), enquanto no caso dos refugiados judeus e não-judeus, provinha de organismos como o American Jewish Joint Distribution (JOINT), Hebrew Immigrant Aid Society (HIAS-HI-CEM), War Refugee Board (WRB) e, também, do Unitarian Service Committee (USC). O término da Guerra, porém, tinha significados diferentes para ambos os grupos. Tal como afirma Aurelio Velázquez, «en 1945, el final de la Segunda Guerra Mundial no representó un cambio significativo para los españoles. El régimen franquista supo posicionarse ante la inminente situación de guerra fría como un baluarte frente al comunismo. Lo que le permitió estabilizarse a pesar de las presiones internacionales en la inmediata posguerra. La pérdida de la esperanza en una inmediata intervención aliada en la península Ibérica hace que algunos republicanos que resistían en el interior de España se planteen de nuevo su salida en vista de la continuidad del franquismo»¹⁰. Os refugiados da década de 1940, porém, tiveram oportunidade de regressar às suas pátrias e de refazer as vidas suspensas pela Guerra. No entanto, a maioria optou por se exilar nos Estados Unidos da América ou, em alguns casos, por permanecer em Portugal ou nos países que os acolheram.

CALDAS DA RAINHA E OS REFUGIADOS ESPANHÓIS EM TRÂNSITO (1936-1950)

Com o despoletar da Guerra Civil de Espanha, a 17 de julho de 1936, as localidades fronteiriças portuguesas encheram-se de espanhóis fugidos do horror da guerra e das perseguições políticas de que eram alvo. A região das Caldas da Rainha (cidade das Caldas da Rainha e, também, Foz do Arelho e Óbidos) sentiu igualmente a sua presença, logo a partir da década de 1930, todavia, muitos espanhóis só chegaram a estas localidades após o término da guerra e fizeram-no até à década de 1950. Vinham fundamentalmente das províncias da Estremadura (Cáceres, Badajoz) e das zonas a Norte da Península Ibérica (Ourense e Pontevedra), como se verá ao longo deste texto. Tal como refere José Campos, «a evolução das operações militares permitiu que os chamados nacionalistas tivessem ocupado rapidamente a quase totalidade da zona que faz fronteira com Portugal, as províncias da Estremadura espanhola,

(10) HERNÁNDEZ, Aurelio Velázquez - Fugitivos en tránsito. El exilio republicano español a través de Portugal (1936-1950). *Hispania*. Vol. LXXVII. Nº 257 (2017), p. 873.

bem como uma parte de Castela, Leon e Galiza», levando a população a fugir e a atravessar a fronteira ibérica¹¹.

Segundo Javier Rubio (citado por Dulce Simões)¹² existiram três momentos fundamentais para o exílio de refugiados espanhóis em Portugal: o primeiro, nos finais de julho de 1936, com o refúgio de carabineiros, milicianos e civis a Norte do país que resistiam às sublevações nacionalistas nas províncias de Pontevedra, Ourense, Tuy e Vigo; um segundo momento, na sequência dos bombardeamentos e ocupação de Badajoz, com a presença de refugiados republicanos na fronteira do rio Caia e, por fim, um terceiro momento, verificado em agosto desse ano, com o fluxo de habitantes de Encinasola que se refugiavam em Barrancos. Todavia, Dulce Simões, considera que existiu um terceiro momento, em setembro de 1936, quando começaram a chegar a Barrancos refugiados provenientes de Oliva de la Fronteira após a ocupação das tropas franquistas dessa localidade raiana¹³.

As populações rurais da zona da raia tinham maior facilidade em chegar a território português, não apenas por questões de proximidade geográfica, mas sobretudo por partilharem elementos históricos, linguísticos, culturais e económicos com as populações locais do lado de cá da fronteira. Como bem afirma Moisés Lopes, «ao contrário da fronteira que é fechada, a raia é considerada um espaço de trânsito, de continuidade, assinalada pela existência de uma rivalidade fronteiriça superada por intercâmbios naturais. Assim, implica vivências partilhadas, de hibridação linguística, nacional e familiar»¹⁴.

Todavia, a entrada de fugitivos espanhóis – militares ou civis – era fortemente controlada pelas entidades portuguesas (Exército, Guarda Fiscal, GNR,

(11) CAMPOS, José Torres – *Memória do Portugal no meu tempo (1932-2010)*. Lisboa: Companhia das Cores, 2011, p. 21.

(12) SIMÕES, Dulce, ob. cit., p. 198-199.

(13) SIMÕES, Dulce, ob. cit., p. 199.

(14) LOPES, Moisés Alexandre Antunes – *Refugiados espanhóis em Portugal (1936-38): o caso de Elvas*. Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017, p. 29. Para este assunto veja-se também, HERNÁNDEZ, Aurelio Velázquez, art. cit., p. 859.

PSP e PVDE), de forma a impedir a entrada destes «indesejáveis»¹⁵. Como refere Aurelio Velázquez Hernández, «columnas enteras de milicianos y numerosos civiles trataron de salvar la vida adentrándose en Portugal donde, invariablemente, eran detenidos, desarmados y entregados a las autoridades militares sublevadas, de forma completamente expedita»¹⁶. O receio de serem repatriados para Espanha e de serem entregues às milícias nacionalistas tornava a fuga mais arriscada e mais extenuante para estes refugiados que, em muitos casos, vinham acompanhados dos seus familiares. Neste caso específico é possível estabelecer uma ligação com outras «residências fixas» da zona Centro que receberam refugiados espanhóis neste período. O caso da Figueira da Foz, estudado por Irene Vaquinhas, ilustra isto mesmo. Como esta refere, a propósito da presença de espanhóis nesta localidade para a década de 1930, «aunque la documentación no sea muy explícita en esta materia, las direcciones indicadas apuntan a grupos de personas que residían en el mismo lugar, probablemente pertenecientes a la misma familia, y muchas de ellas acompañadas por “criados”, es decir, por un servicio doméstico en general (criadas, chóferes, cocineras), pero sin los elementos masculinos, cabezas de familia»¹⁷. Acontece o mesmo para as Caldas da Rainha. A documentação existente não é muito explícita quanto à presença de refugiados espanhóis – até porque a maioria estava no país de forma clandestina – e, por isso, são raros os casos em que se conseguem estabelecer relações familiares e inexistentes as informações relativamente ao acompanhamento de serventes (ver campo de observações na tabela em anexo «Relação de espanhóis nas Caldas da Rainha (1930-1950)»).

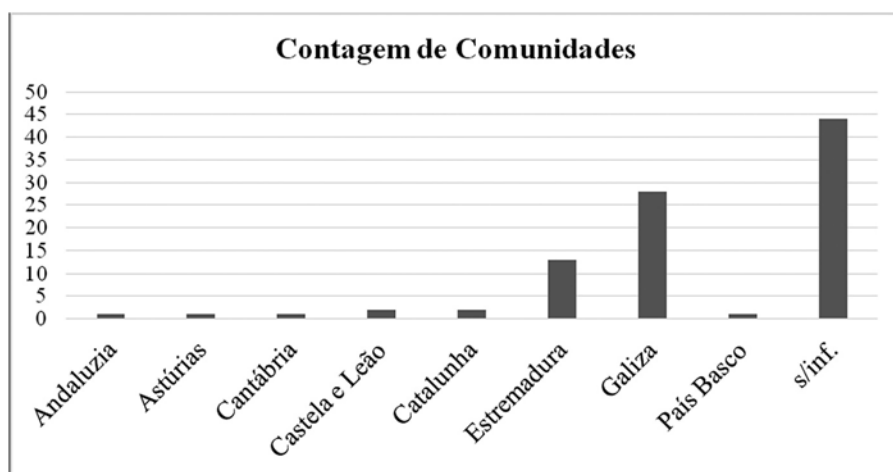
Como se disse anteriormente, a maioria dos refugiados espanhóis em fuga da maquinaria franquista e da Guerra Civil que encontraram exílio em Portugal provinham fundamentalmente das províncias fronteiriças da Estremadura e das zonas a Norte da Península Ibérica, sobretudo da zona da Galiza. A

(15) SIMÕES, Dulce – Memórias da guerra civil espanhola. O caso do tenente Seixas (apresentação Power Point realizada para uma exposição no Arquivo Municipal e Biblioteca Municipal de Sines), s.d., slide 9. Consultado a 23/01/2020 às 16h00. (http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/5196/PT_-_Tenente_Seixas_-_Apresenta_o_de_apoio___exposi_o.pdf).

(16) HERNÁNDEZ, Aurelio Velázquez, art. cit., p. 861.

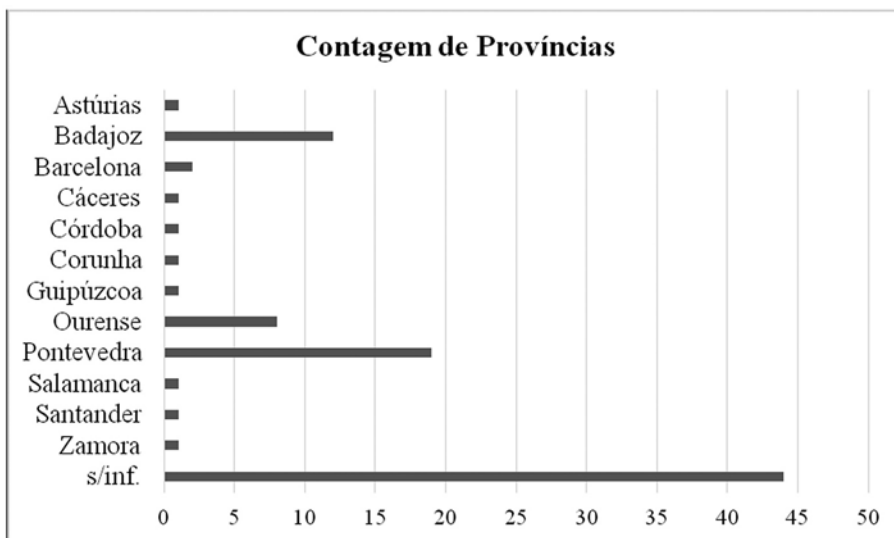
(17) VAQUINHAS, Irene – Huyendo de la Guerra Civil: los refugiados españoles en Figueira da Foz (1936-1939). *Actas del XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea*. Madrid: Uma Ediciones, 2015, p. 4840.

documentação de registo de estrangeiros produzida pelo Governo Civil de Leiria e depositada no Arquivo Distrital dessa mesma cidade e a documentação de estrangeiros residentes nas Caldas da Rainha confiada ao Arquivo da Câmara Municipal desta localidade, atestam isto mesmo. A grande maioria dos espanhóis residentes nas Caldas da Rainha entre as décadas de 1930 e 1950, provinham das comunidades da Estremadura e da Galiza (Gráfico 1).



- Gráfico 1 -

De entre os 93 espanhóis residentes nas Caldas da Rainha neste período, 28 (30%) provinham da Galiza e 13 (14%) da Estremadura, enquanto os restantes advinham de comunidades como Castela e Leão e Catalunha (2%) e, em número inferior (1%), das restantes regiões. Os dados, contudo, não são muito conclusivos, uma vez que, desconhece-se a proveniência de 44 destes estrangeiros (47%). Concomitantemente, é possível saber de que província eram originários ainda que, uma vez mais, não se tenha encontrado este tipo de informação para 47% dos casos (Gráfico 2).

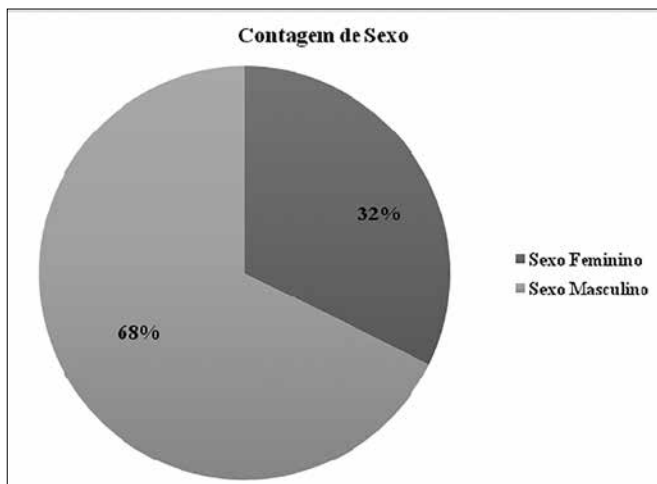


- Gráfico 2 -

A grande maioria vinha das províncias de Pontevedra (20%), Badajoz (13%) e Ourense (9%). Provinham, de igual forma, mas em menor número, de localidades fronteiriças como Salamanca e Cáceres (1%) e zonas mais distantes como a Catalunha, nomeadamente de Barcelona (2%).

No que respeita à distribuição por sexo interessa destacar o facto de a maioria dos espanhóis fixados nas Caldas da Rainha, do total dos 93 listados, serem do sexo masculino (68%) contra 32% do sexo feminino (Gráfico circular 3). No que concerne às atividades profissionais predominam as profissões de criado de mesa (13%) e de comerciante (10%), sobretudo no que respeita aos homens. As mulheres encontram-se identificadas na documentação como sendo domésticas (10%) ou criadas de servir (3%), com exceção de uma espanhola – Luisa Aguilar y Aguilar – que é identificada como modista¹⁸. Uma vez mais, desconhecem-se as origens socioprofissionais da maioria dos espanhóis residentes nas Caldas da Rainha para o período de 1930 a 1950 (49%) – atente-se à Tabela 1.

(18) Era natural da província de Córdoba (Andaluzia) e encontra-se identificada como residente nas Caldas da Rainha em maio de 1950. Veja-se Arquivo Distrital de Leiria (ADLRA), Fundo do Governo Civil de Leiria (GCL), Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41.



- Gráfico 3 -

Tabela 1

Profissão	Contagem de Profissão	Porcentagem
Amolador	1	1%
Caixeiro viajante	1	1%
Comerciante	9	10%
Cozinheiro	2	2%
Criada de servir	3	3%
Criado de mesa	12	13%
Doméstica	9	10%
Estudante	2	2%
Gerente de Hotel	1	1%
Modista	1	1%
Padeiro	1	1%
Proprietário	3	3%
Taberneiro	1	1%
Topógrafo	1	1%
s/inf.	46	49%
Total	93	100%

Como se pode verificar a origem socioprofissional dos elementos masculinos nas Caldas da Rainha entre as décadas de 1930 e 1950, enquadra-se numa classe média-baixa, contrariamente à realidade dos refugiados espanhóis fixados na Figueira da Foz, quase todos pertencentes a uma classe média e média-alta. Quanto às mulheres, tanto num caso como no outro, a documentação quase sempre as identifica como domésticas ou criadas de servir, para o caso das Caldas da Rainha, ou no caso da Figueira da Foz, como amas de casa¹⁹. A identificação de todos estes espanhóis encontra-se, como referido anteriormente, na tabela em anexo «Relação de espanhóis nas Caldas da Rainha (1930-1950)».

A análise que se faz é sempre limitada pois muitas vezes as fontes são inexistentes ou incompletas não permitindo, por isso, a construção de um quadro consistente e esclarecedor acerca da permanência dos estrangeiros nesta «residência fixa». No entanto, sabe-se que dezenas de refugiados escolheram permanecer nas Caldas optando, por vezes, por residir na cidade ou em zonas mais costeiras, como Óbidos ou Foz do Arelho. A sua principal residência nesta última localidade era o **Hotel do Facho**, propriedade da família Grandella e que foi explorado por um espanhol, natural de Sottomayor, Domingos Losquiños Garrido, de 1935 a 1944²⁰ e que empregava um outro espanhol, Manuel Duran Garrido, que segundo a documentação não tinha qualquer grau de familiaridade com o primeiro. Este já se encontrava nas Caldas da Rainha antes do enorme afluxo de refugiados da Segunda Guerra Mundial começar a chegar à localidade. Numa carta remetida pelo presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Júlio Lopes, a um veraneante lisboeta, António Barbosa Sobrinho, informa-se o seguinte:

(19) Para um maior aprofundamento desta temática ver VAQUINHAS, Irene, art. cit., p. 4841.

(20) TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009, p. 49-50. Para mais informações relativas a este estrangeiro ver ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39. Viria a falecer nas Caldas, a 1 de outubro de 1967, com 80 anos, sendo sepultado no Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1966-1969, l. 33, p. 43. Veja-se, igualmente, PEREIRA, Carolina, ob. cit., p. 67-69.

Respondendo á carta de V. Ex^a. datada de 17 do corrente, informo que na Praia da Foz do Arêlho, mesmo junto ao mar, existe a Pensão – “O Facho” – de Domingos Losquinhos Garrido. As diárias, por pessoa, vão desde 27\$50 a 50\$ e para casal desde 50\$00 a 80\$00. Dirigindo-se V. Ex^a. directamente ao dono da pensão, obterá todas as mais informações que desejar. Com a maior consideração, me subscrevo. A Bem da Nação. Caldas da Rainha, 19 de Agosto de 1938 [seguido do nome do presidente, Júlio Lopes]»²¹.



Fig. 1: Domingos Losquinhos Garrido.
Fonte: ADLRA,
Fundo do Governo Civil, pasta Estrangeiros
que legalizaram a sua situação nos vários
Concelhos do Distrito

(21) AHBMCRC, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942), doc. avulso. Um outro documento em que este é referido como gerente do Hotel do Facho (Foz do Arelho), está datado de 8 de agosto de 1939, AHBMCRC, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942), doc. avulso.



Fig. 2: Hotel do Facho (praia da Foz do Arelho), s. d. Fonte: Associação Património Histórico das Caldas da Rainha, Espólio José Neto Pereira.

Desta forma, é possível verificar, à semelhança do que aconteceria mais tarde com os refugiados da Segunda Guerra Mundial na cidade, que, apesar da proibição de trabalho imposta aos estrangeiros, estes conseguiam exercer certas funções, sobretudo, em espaços comerciais e industriais. Por exemplo, Emilio Rodriguez Vasquez, espanhol do qual pouco se conhece, trabalhava no **Café Bocage** (Caldas da Rainha), em 1950. Um outro espaço que possuía gerência espanhola era a **Pastelaria Machado** (situada na Rua de Camões, nº 41, junto ao Parque D. Carlos I), ainda hoje existente. Propriedade de José Fernandez Perez e de Joaquim Machado, este espaço comercial notabilizava-se na arte da doçaria e da pastelaria, sobretudo pela confeção das trouxas.



Fig. 3: Pastelaria Machado nos dias de hoje.

Fonte: <https://gocaldas.com/pastelaria-machado-caldas-da-rainha/>

Existem também relatos mais dramáticos relativos à presença de espanhóis nas Caldas da Rainha. O caldense José de Sousa, entrevistado pela *Gazeta das Caldas* em maio de 1991, lembrou a história de António Urdinlair (ou Antoine Bellando Graille), um jovem espanhol natural de San Sebastián (País Basco) – que dizia ser francês para evitar ser repatriado para Espanha – e que se crê que tenha residido no Grande Hotel Lisbonense, nas Caldas da Rainha, em 1944, e que morreu afogado de forma misteriosa na Lagoa/Buraco Azul, perto de Óbidos²². As informações constantes na sua ficha da PVDE indicam que tinha sido preso a 4 de janeiro de 1944 pela Guarda Fiscal e tinha sido transferido do Posto de Elvas para a cadeia do Aljube. Daí foi transferido para Caxias, onde permaneceu cerca de três meses. Foi-lhe fixada residência nas Caldas da Rainha a 4 de maio de 1944 e aí acabaria por falecer em circunstâncias misteriosas²³.

(22) *Gazeta das Caldas*, suplemento, 24 de maio de 1991, fl. 3.

(23) Ver o relato de José Augusto Pimentel em *Gazeta das Caldas*, suplemento, 24 de maio de 1991, fls. 8 e 12 e GONÇALVES, Orlando – *Caxias: últimos dias do fascismo*. Amadora: Orion, 1974.



N.º 15.603

Altura 1^m 600
Cór Branca
Sinais particulares

Nacionalidade Francesa

Antoine B. Graille 5-1-944 6100 0.

Nome e alcunha Antoine Bellando Graille

Estado Solteiro Profissão Jornaleiro
Naturalidade A. Antoine - Marselha Data do nascimento 11-2-1924
Filiação Josef Bellando e de Marguerite Graille
Residência residência e fe Portugal

Outras indicações Pass 306/4111 Solto

Número do processo de valores ou documentos apreendidos
Negativo nº 6100 = Registo nº 10/944 =

BIOGRAFIA PRISIONAL

Entregue no Posto de Polvras em 4-1-944 pela Guarda Tis
leal de P. Pulália (o.s. 6/44) Transferido para esta Di-
retoria em 5-1-944, por se encontrar indocumentado
tendo recolhido a cadeia do Aljube (o.s. 7/44) Baixou
da enfermaria da cadeia do Aljube em 20-1-944 (o.s.
2.2)
alta da enfermaria da cadeia do Aljube em 21-1-44
(o.s. 23/44) Transferido para o Depósito de Presos de
Paxias em 14-2-944 (o.s. 46/44) Restituído a liberdade
em 4-5-944, tendo-lhe sido fixada residência nas Cal-
das da Rainha (o.s. 126)

Ficha da PVDE de Antoine Bellando Graille (ou António Urdinlair), PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 79, registo nº 15603.

Através da análise da documentação disponível e do cruzamento de dados foi possível identificar 93 espanhóis residentes nas Caldas da Rainha entre as décadas de 1930 e 1950. Residiam em hotéis, pensões ou casas particulares e provinham, na sua grande maioria, das províncias fronteiriças da Estremadura e das zonas a Norte da Península Ibérica. Vinham em fuga da perseguição franquista e da Guerra Civil e pertenciam, quase na totalidade, a uma classe média-baixa, contrariamente aos refugiados espanhóis fixados na Figueira da Foz. Viviam do auxílio de organizações internacionais, todavia, alguns conseguiram emprego em espaços comerciais, contornando assim a proibição de trabalho imposta pelo governo português aos estrangeiros. Estes «indesejáveis» conquistaram um lugar na sociedade caldense e o rasto da sua presença perdura na memória coletiva da região.

BIBLIOGRAFÍA

CADAVEZ, Maria Cândida Pacheco – A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940. Tese de doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura, especialidade de Ciências da Cultura. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

CAMPOS, José Torres – *Memória do Portugal no meu tempo (1932-2010)*. Lisboa: Companhia das Cores, 2011.

CHALANTE, Susana - CHALANTE, Susana – O discurso do Estado Salazarista perante o “indesejável” (1933-1939). *Análise Social*. Vol. XLVI (2011).

FERREIRA, Ockert J. – *Viva os boers!: boeregeïnterneerdes in Portugal tydens die AngloBoereoorlog, 1899-1902*. Pretoria, 1994.

GONÇALVES, Orlando – *Caxias: últimos dias do fascismo*. Amadora: Orion, 1974.

HERNÁNDEZ, Aurelio Velázquez - Fugitivos en tránsito. El exilio republicano español a través de Portugal (1936-1950). *Hispania*. Vol. LXXVII. Nº 257 (2017).

HIPÓLITO, Ricardo – *O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875-1936)*. Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, especialidade em Cidades e Património. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2014.

LOPES, Moisés Alexandre Antunes – Refugiados espanhóis em Portugal (1936-38): o caso de Elvas. Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

OLIVEIRA, Fleming de – *No tempo dos Bóeres em Portugal. Caldas da Rainha, Alcobça, Peniche, Tomar, Abrantes e S. Julião da Barra*. Leiria: Hora de Ler, 2019.

PEREIRA, Carolina Henriques – Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1939-1945). *Cadernos de estudos leirienses*. Nº8 (2016).

PEREIRA, Carolina Henriques – *Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

SIMÕES, Dulce – *A guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009.

VAQUINHAS, Irene – Huyendo de la Guerra Civil: los refugiados españoles en Figueira da Foz (1936-1939). *Actas del XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea*. Madrid: Uma Ediciones, 2015.

WEBGRAFIA

http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/5196/PT_-_Tenente_Seixas_-_Apresenta_o_de_apoio___exposi_o.pdf (consultado a 23/01/2020 às 16h00).

FONTES

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Fundo PIDE, Registo Geral de Presos:

Ficha da PVDE de Antoine Bellando Graille (ou António Urdinlair), PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 79, registo nº 15603.

Arquivo Distrital de Leiria (ADL), Fundo do Governo Civil de Leiria (GC):

Registo de Estrangeiros (1927-1945); Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários Concelhos do Distrito; Registo dos Bilhetes para residência dos Estrangeiros (1927-1929); Registo de Estrangeiros (1930-1938); Estrangeiros em Portugal. Correspondência recebida sobre Estrangeiros (1937-1946): Pasta Estrangeiros 1941 – 1942; Pasta Estrangeiros – 1942; Pasta Estrangeiros – 1943 e Pasta Estrangeiros – 1944.

Arquivo Municipal das Caldas da Rainha (AMCR):

Cx. Correspondência expedida do turismo (1937-1942); Cx. Estrangeiros (1939-1955): Pasta Estrangeiros (1944-1947); Pasta Estrangeiros apresentados; Pasta Estrangeiros (1950); Pasta Estrangeiros (1951-1952); Pasta Estrangeiros (1953-1954); Pasta Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Declarações de nacionalidade e domicílio e Cx. Ofícios recebidos (1941-1943): Ofícios recebidos (1941); Ofícios recebidos (1943); Registos de Enterramentos do cemitério da Nossa Senhora do Pópulo, livros nº 11 (1941) e nº 33 (1966-1969).

Espólio fotográfico da Associação Património Histórico das Caldas da Rainha (APHCR):

Fundo José Neto Pereira.

Anexo - Relação de espanhóis nas Caldas da Rainha (1930-1950)

Nome	Comunidade autónoma	Província	Localidade	Profissão	Residência(s)	Período(s) em que aparece referenciado nas Caldas da Rainha	Observações
AGUILAR, Luísa	Andaluzia	Córdoba	Córdoba	Modista	s/inf.	17 de maio de	Filiação: Luiz e Natalia.
Aguilar y						1950	Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).
ALONSO, António	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
ALONSO, Francisco Rivas	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
ALONSO, Maria Laura	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
AMOEDO, Alfredo Vidal	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
ANDRADE, Antonio Alonso	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
ASSUNCION, Joaquina d'	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
BARROS, Angel Seoane	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.

BARROS, Jacinto Pérez	Galiza	Ourense	Aceredo	Criado de mesa	s/inf.	1941	Filiação: Domingos e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)
BARTOLOMÉ, Manuel Riez	Castela	Zamora	Fermoselle	Comerciante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Manuel e Angeles. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).
BOTÉ, Juana Gil	Estremadura	Badajoz	Almendralejo	Criada de servir	s/inf.	s/inf.	Filiação: António Gil e Manuela Boté. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).

BULLOSA, Leopoldo Álvarez	Galiza	Pontevedra	Sottomayor	Criado de mesa	s/inf.	1947	Nascido em Sottomayor, Pontevedra, Espanha a 29 de outubro de 1930. Residente nas Caldas da Rainha. O seu certificado de nacionalidade foi passado pela Viceconsulado de Espanha em Peniche. No entanto, o seu certificado de nacionalidade (passado em agosto de 1947) foi rejeitado pela PIDE e esta obrigou a Câmara das Caldas a anular os documentos, não permitindo que este permanecesse mais de 15 dias em Portugal
CACHALDORRA, Ramon Varcercel	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
CAL, Francisco Losquinhos	Galiza	Pontevedra	Corunha	Criado de mesa	s/inf.	s/inf.	Filiação: Juan e Manuela. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)
CARO, Luiza Aguilar	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
CARO, Natalia Aguilar	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.

CASAS, Adol Pina	Estremadura	Badajoz	s/inf.	Topógrafo	s/inf.	s/inf.	Filiação: Fernando e Manuela. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).
CASERAS, Josefina Roiz de las	Cantábria	Santander	s/inf.	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: Angel e Jesusa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46
CLÉRIGUES, Vicente Marti	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Rua Alexandre Herculano, nº 66, Caldas da Rainha (1953)	outubro de 1953 a fevereiro de 1954	s/inf.
CONTADOR, Balbina Martines	Estremadura	Badajoz	d/inf.	Criada de servir	s/inf.	s/inf.	Filiação: Alfredo e Antónia. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46
COUÑAGO, Manuel Deolindo Durán	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.

DIÓS, Manuel Rodríguez de	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
DOMÍNGUEZ, Cumersindo González	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	s/inf.
DOMÍNGUEZ, Garmersindo González	Galiza	Ourense	Villarino	Taberneiro	s/inf.	s/inf.	Filiação: Manuel Gonzalez e Benfina Dominguez. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).
DOMÍNGUEZ, Manuel Cerqueira	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
ESTEVEZ, José	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
FERNÁNDEZ. Manuel González	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Hotel Central, Caldas da Rainha (1947)	1947	s/inf.
							Filiação: José e Matilde. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)

GALSENSA, Emiliano Rodríguez	Estremadura	Badajoz	Ribera	Estudante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Leonardo e Teodora. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45)
GALVAN, Francisco Gameso	Estremadura	Badajoz	Almendralejo	Proprietário	s/inf.	s/inf.	Filiação: Cipriano Gameso Orantes e Filipa Galvan Pinto. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
GARRIDO, Domingos Losquiños	Galiza	Pontevedra	Sottomayor	Gerente de Hotel	Hotel O Facho	1935; 1941; 1950 e 1967	Gerente do Hotel O Facho (Foz do Arelho). Filiação: Francisco Losquiños Lourenço e Conceição. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39). Faleceu a 1 de outubro de 1967, nas Caldas da Rainha, sendo sepultado no dia seguinte. Tinha 80 anos. Sepultado no coval nº 82. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1966-1969, l. 33, p. 43

GARRIDO, Manuel Duran	Galiza	Ourense	Calvos de Randim	Criado de mesa	Hotel do Facho, Foz do Arelho (1950)	1941 e janeiro a fevereiro de 1950	Nascido em 28 de fevereiro de 1897, em Calvos de Randim (Espanha). Filiação: Francisco Duran e Dolores Garrido. Casado com Maria Couñago Iglesias. Entrou em Portugal por Valença do Minho, 17 de dezembro de 1949. Profissão: Empregado do Hotel Facho (1950). O seu certificado de nacionalidade foi passado pelo Viceconsulado de Espanha em Peniche.
GARRIDO, Maria Gertrudes Tavares	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
GÓMEZ, Maria Antónia Marquez	Galiza	Pontevedra	Parada	Doméstica	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: José e Maria Rosa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).
GOMEZ, Maria de Jesus Santos	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	s/inf.
GONZALEZ, Antonio Gil	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
GONZALEZ, José Alvarez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
GONZALEZ, José Pérez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	s/inf.
GONZALEZ, Manuel Pérez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
GONZALEZ, Sabino Alvarez		s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.

LABAN, Juan Francisco Vitor Ablier	Catalunha	Barcelona	Barcelona	Estudante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Juan e Joaquina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl.40).
LASALLE, Dolores Serrano	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	agosto a setembro de 1948	Entrada em Beirã (concelho de Marvão), a 1 de agosto de 1948
LEITE VON HAFE, Fernando Mendez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	agosto a setembro de 1948	Entrada em Beirã (concelho de Marvão), a 1 de agosto de 1948
LEPO, Aquilino Horsa	Galiza	Ourense	s/inf.	Amolador	s/inf.	s/inf.	Filiação: Francisco e Rosinda. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros ue legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).
LORANO, María Puerto	Estremadura	Badajoz	Badajoz	Criada de servir	s/inf.	s/inf.	Filiação: Pedro e Antónia. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46

LORENZO, Rosa Perez	Galiza	Pontevedra	Gondomar	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: Manuel e Pepa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
LOSQUINHOS, Jesus Rousou	Galiza	Pontevedra	Corunha	Criado de mesa	s/inf.	s/inf.	Filiação: Romeu e Marcelina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)
LOSQUINHOS, Manuel Pasada	Galiza	Pontevedra	Corunha	Cozinheiro	s/inf.	s/inf.	Filiação: Hipolito e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44).
LOURIDO, Francisco Barreiro	Galiza	Pontevedra	Sottomayor	Criado de mesa	s/ing.	1941 E 17 de maio de 1950	Filiação: Camilo e Rosa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).

MARQUES, Aurora Gomez	Galiza	Pontevedra	Parada	Doméstica	s/inf.	setembro de 1943 a setembro de 1950	Filiação: Roman e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).
MARQUES, Izidoro Gomez	Galiza	Pontevedra	Parada	Padeiro	s/inf.	s/inf.	Filiação: Ramon e Maria. Irmão de Cesar Gomez Marques, também residente nas CR. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
MARQUES, Joaquim Romero	Galiza	Pontevedra	Lisa	Criado de mesa	s/inf.	1941	Filiação: Ceferino e Socorro. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).
MARQUEZ, Cesar Gómez	Galiza	Pontevedra	Parada	Criado de mesa	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: Ramon e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).

MARTINEZ, Diego Gomez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
MARTINEZ, Ramon Gomez	Galiza	Pontevedra	Parada	Comerciante	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: Joaquín e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).
MARTINS, Aurora Gomez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
MARTINS, Carmen Rodriguez	Galiza	Pontevedra	s/inf.	s/inf.	Rua do Diário de Notícias, Caldas da Rainha	1941	Filiação: Domingos Rodrigues e Maria Martinez. Faleceu nas Caldas da Rainha, a 22 de novembro de 1941. Jazigo nº 41. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. nº 11, folha avulsa, p. 1 e ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 23
MARTINS Cayetano Perez	Estremadura	Cáceres	s/inf.	Comerciante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Vicente e Agustina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45

MARTINS, Diogo Gomes	Galiza	Pontevedra	Parada	Comerciante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Joaquim Gomes e Maria Martins. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
MUNIESA, Juan Alier	Catalunha	Barcelona	Barcelona	Comerciante	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: António Alier e Beatriz Muniesa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).
NORIEGA Amelia Pérez	Estremadura	Badajoz	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Profissão: Criada de servir. Filiação: Francisco e Teresa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46)
NOVILLA, José	Galiza	Ourense	Lorios	Comerciante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Demas e Felicidad. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46)

ORGE, Juan Alvarez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Hotel o Facho (1947). Rua Henrique Sales, 31, 1º, Caldas da Rainha (1950)	setembro de 1947 e agosto de 1950	Veio para as Caldas a 25 de maio de 1949, com o seu título de residência visado em Lisboa, onde residia
ORGE, Manuel Alvarez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Hotel Central, Caldas da Rainha (1946)	1946 a 1950	s/inf.
PANA, Inocenta Henero	Estremadura	Badajoz	s/inf.	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: Francisco e Isabel. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46
PEREZ, José Fernández	Galiza	Pontevedra	Gondomar	Proprietário	s/inf.	17 de maio de 1950	Proprietário da pastelaria Machado, juntamente com Joaquim Machado
PEREZ, Maria Vasquez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
PINA, Egídia Pereira	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Doméstica	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: José e Maria Perpétua. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
PINO, Maria Argentina Rodríguez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.

POMBO, Benito Barcia	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Cozinheiro	s/inf.	agosto a setembro de 1947	O seu certificado de nacionalidade foi passado pela Viceconsulado de Espanha em Peniche. No entanto, o seu certificado de nacionalidade (passado em agosto de 1947) foi rejeitado pela PIDE e esta obrigou a Câmara das Caldas a anular os documentos, não permitindo que este permanecesse mais de 3 meses em Portugal
PORTELA, Avelino Cendon	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
PREGAL, José Pregal	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
PUMAR, Ramón Manuel Orge	Galiza	Pontevedra	Calvos de Randim	Criado de mesa	s/inf.	1930 - 1938; 1941 e 17 de maio de 1950	Nasceu em 1905. Filiação: José e Carmen. Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros (1930-1938), fl. 99.
RIVERA, José Maria Gomes	Galiza	Corunha	Corunha	s/inf.	s/inf.	1941	Poderá ser José Gomes, falecido nas Caldas da Rainha a 28 de novembro de 1941, uma vez que, não se conhece mais nada que testemunhe a sua presença após 1941. Tinha 45 anos quando morreu. Nº do coval 93. Faleceu no Hospital de Santo Isidoro. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 24

RODRIGUES, José Gomes	Galiza	Pontevedra	Pasada das Achs	Comerciante	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	Filiação: Diogo Gomes e Carmen Rodrigues. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).
RODRIGUEZ, Amadeu Rocha	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Travessa do Cais (1950)	1949; 1950	Veio para as Caldas em setembro de 1949, com o seu título de residência visado em Lisboa, onde residia
RODRIGUEZ, Delmiro Losada	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	s/inf.
RODRIGUEZ, Leandro	Galiza	Ourense	Lorios	Criado de mesa	s/inf.	s/inf.	Filiação: Feleciano e Maria. Irmão de Manuel Rodriguez. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45
RODRIGUEZ, Manuel	Galiza	Ourense	Lorios	Comerciante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Feleciano e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45

RODRIGUEZ, Pedro Garcia	Galiza	Ourense	Pacios	Comerciante	s/inf.	1941	Filiação: José Garcia e Manuela Rodriguez. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).
RODRIGUEZ, Piedad Galvan	Estremadura	Badajoz	Almendralejo	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Casada com Francisco Gameso Galvan. Filiação: Cipriano Gameso Orantes e Filipa Galvan Pinto. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).
ROIZ, Timóteo Moreno	Castela e Leão	Salamanca	Santibáñez de Béjar	Caixeiro viajante	s/inf.	s/inf.	Filiação: Carlos Moreno e Doroteia Roiz. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).
SÁLGADO, Rita Luisa	Estremadura	Badajoz	Olivença	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: António e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45)

SALOMEO, Felisa Marta	Extremadura	Badajoz	s/inf.	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: José e Teresa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45
SANTOS, Angelina	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	s/inf.
SARMIENTO, Paulino Harguindey	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
SOBRAL, Felecissimo	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	17 de maio de 1950	
URDINALIR, António (ou Antoine Bellando Graille)	País Basco	Guipúzcoa	San	s/inf.	Grande Hotel Lisbonense?	?-1943	Não tinha muito mais de 20 anos e era louro. Era de San Sebastián, mas dizia ser francês para não serem devolvidos à Espanha de Franco. Um dia, apareceu afogado, misteriosamente, no Buraco Azul, próximo de Óbidos. É recordado por José de Sousa, em entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 3 e José A. Pimentel, numa entrevista publicada pelo mesmo Suplemento p. 9
VALIÑO, Claudina Barros	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941	s/inf.
VAQUERIZO, Henribertha Perez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	s/inf.	1941 e 17 de maio de 1950	s/inf.
VASQUEZ, Emilio Rodriguez	s/inf.	s/inf.	s/inf.	Criado de mesa	s/inf.	17 de maio de 1950	Trabalhava no Café Bocage

Victorina (?)	Astúrias	Astúrias	Loris	Doméstica	s/inf.	s/inf.	Filiação: Gabino e Juliana. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45)
VIDAL, Belasmino Castelhano	Galiza	Pontevedra	Coruba	Criado de mesa	s/inf.	s/inf.	Filiação: Manuel e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)